

**Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM**  
***Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro de 2016***

**Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369**

**TRABALHAR, SIM! ADOECER, NÃO! PROMOÇÃO E CUIDADO À SAÚDE DAS SERVIDORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Felipe Boldo Martins, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil; Maria Aparecida de Moraes Burali, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

Contato: boldomartins@hotmail.com

O trabalho na educação infantil tem a particularidade de educar e cuidar. Esses dois termos devem ser entendidos em uma relação inseparável quando se fala do contexto para a organização do trabalho com crianças, em que, se faz necessário o desenvolvimento de atividades pedagógicas que estimulem conhecimentos variados de mundo, e ações de cuidado, como por exemplo, troca de fraldas, dormir, comer, brincar, entre outras atividades importantes para o desenvolvimento infantil. Além disso, observa-se que, as atividades desenvolvidas na relação da educadora com a criança mobiliza uma relação de afeto necessário para o ato do cuidado, que coloca a educadora na tênue separação entre cuidar, afeiçoar-se sem ocupar o lugar da mãe. Esses são alguns aspectos que envolvem o ofício das educadoras infantis, que traz em seu bojo, alguns paradoxos, que se refletem na realização de suas tarefas. Destarte, observa-se, como pontua Cerisara (1999), que há uma naturalização do papel da mulher no trabalho com a educação infantil, pois, historicamente se entende que cuidar de crianças é uma atividade para as mães, devido à concepção de que mulheres são mais sensíveis e possuem certo “instinto materno”, como se o sexo feminino naturalmente tivesse o “dom” de cuidar de crianças. Nota-se que hoje, a ampla maioria dos educadores corresponde ao sexo feminino, logo, na concepção popular, cuidar de crianças é algo natural à mulher, então trabalhar com educação infantil seria um trabalho que, por vezes, não é reconhecido como uma atividade desgastante. Todavia, a subjetividade dessas trabalhadoras e o uso do próprio corpo, constitui-se a própria matéria-prima para a realização de suas atividades, ou seja, as educadoras têm que usar a si mesmas, afeto, amor, carinho, atenção, medos, inseguranças, além de todo seu corpo, como expressão dos atos de cuidado e do desgaste cotidiano no esforço de embalar, carregar, segurar, abaixar, levantar, no manuseio do dia a dia de crianças. Cuidar, educar, faces da mesma moeda na produção da subjetividade destas trabalhadoras. Subjetividade, portanto, não

deve ser entendida como uma essência que fica dentro do indivíduo e desperta sua personalidade. De acordo com Furtado: “[...] a subjetividade não é mera expressão do mundo interior das pessoas, mas um fenômeno que expressa tanto o individual, como sentidos, quanto socialmente, como significados. [...]” (FURTADO, 2009, p. 113).

Nesse sentido, entende-se que a habilidade de cuidado das educadoras não é natural a elas, mas fazem parte de uma relação entre indivíduo e mundo, entre ser humano e meio social. Assim, então, qual seria o impacto de cuidar e educar? Qual o resultado dessa atividade no corpo e na vida ontológica de quem trabalha com educação infantil? Partindo dessas considerações, este trabalho tem por objetivo apresentar uma intervenção realizada no Centro de Educação Infantil da UEM, no projeto de extensão “Atenção à Saúde do Trabalhador”, desenvolvido por docentes e discentes do curso de psicologia, em parceria com o SESMT e profissionais de fisioterapia da comunidade externa, com a finalidade de oferecer um espaço de atenção e cuidado às educadoras da educação infantil, na intenção de fortalecer o grupo e potencializar ações sobre a importância do cuidado de si e do outro, como estratégia de promoção de saúde e prevenção ao adoecimento. Esta intervenção aconteceu em decorrência de uma atividade diagnóstica realizada pelos discentes de psicologia, participantes do projeto em 2015, em que analisando os dados gerados a partir dos exames periódicos realizados anualmente pelos servidores, dentre outras categorias, 80% das educadoras apresentaram queixas osteomusculares relacionadas ao trabalho, com níveis diferenciados de comprometimento na execução de suas atividades. No contato com as educadoras, foi possível, ainda, identificar sentimentos de desamparo, desesperança e tristeza. Ao voltar o olhar para o contexto histórico da creche, é possível compreender como alguns fatores influenciam na saúde no trabalho dessas trabalhadoras: o grupo de educadoras lutou ativamente no passado, pela estruturação e implementação de um projeto pedagógico que veio a tornar-se uma referência de excelência em educação infantil para o município e região. Sendo assim, nota-se que existia um quadro de trabalhadoras movidas por sustentar um ideal que buscava melhorias às práticas pedagógicas e ao próprio trabalho. Além disso, procuravam sempre qualificações profissionais, fato que pode ser observado pelo bom nível de qualificação da equipe. Nessa época, de acordo com as educadoras, seu trabalho era mais prestigiado, e havia a motivação necessária para buscar a possibilidade de mudança do cargo de educadora infantil (nível técnico) para professora (nível superior), fato que representaria reconhecimentos salariais e de tarefas que já realizavam, como planejamento,

acompanhamento e avaliação pedagógica. Nesse período, ainda, havia uma pedagoga na creche e a jornada de trabalho era de 8 horas diárias, com duas horas de hora-atividade. Contudo, as mudanças que ocorreram ao passar do tempo geraram uma perda das vagas almeçadas de professoras, isto devido a questões políticas e legais, abrindo um contexto de incertezas quanto ao futuro da creche. Ademais, a hora-atividade foi retirada, ou seja, as atividades de planejamento, acompanhamento e avaliação pedagógica não são mais realizadas, pois, não são atribuídas à função de educadora. Todas essas mudanças acarretaram problemas como baixa auto-estima; sentimento de desvalorização; desmonte do coletivo, o que propicia experiências individuais de solidão e sofrimento vitimizado, perdendo valores como solidariedade e laços de pertencimento. A maioria das educadoras faz uso de analgésicos durante o trabalho e fora dele; outras possuem problemas com depressão; e outras, ainda, possuem problemas com pressão alta. A constatação dessas informações resultou na elaboração de um relatório circunstanciado que foi apresentado à respectiva diretoria, na busca de contribuir com informações que se somassem às reivindicações das educadoras sobre a necessidade de melhoria das condições de trabalho e revisão da carga horária. Também foi realizado atendimentos individuais, embasado nos princípios da escuta qualificada da Política Nacional de Humanização (PNH) (Brasil, 2004) em que se constatou um quadro de sofrimento psíquico relacionado a precarização das condições de trabalho, em decorrência da política adotada pelo governo do estado do Paraná de enxugamento do quadro de servidores e não contratação de novas trabalhadoras para ocupar as vagas daquelas que se aposentaram. Este cenário, somado a questões administrativas locais, veio a intensificar o sofrimento psíquico deste grupo. Considerando estes aspectos, docente e discentes do projeto de extensão, desenvolveram uma intervenção voltada para os servidores da educação infantil, incluindo as educadoras (14), as zeladoras (02), a cozinheira (1) e a coordenadora, com objetivo de aumentar e fortalecer a auto-estima individual e do grupo, auxiliando-as neste processo de resistir e enfrentar as circunstâncias como estratégia de cuidado e proteção da saúde e prevenção ao adoecimento pelo trabalho. Tomando por base a psicologia sócio-histórica, que concebe o homem como ativo, social e histórico (Bock, 2009) e utilizando dinâmicas de grupo e rodas de conversa, o foco da intervenção foi auxiliar estas trabalhadoras a sair de um quadro de vitimização, para trazê-las para uma condição de sujeito no processo de enfrentar as circunstâncias opressoras do contexto de trabalho, tornando-as agentes no cuidado e proteção da sua saúde. Atuando de forma interdisciplinar a psicologia veio

contribuir construindo uma dinâmica com o grupo de educadoras, na busca de propiciar um resgate da “subjetividade trabalhadora” dessas servidoras, trazendo para a cena o ofício da educação infantil, com o foco na valorização e reconhecimento destas profissionais. A metodologia adotada para condução de grupos foi respaldada na modalidade de rodas de conversa, método proposto por Gastão Wagner de Souza Campos, (CAMPOS, 2000), como inspiração do formato da “roda” como estratégia de intervenção com o coletivo, com a finalidade de criar um espaço de encontro, de compartilhamento, de pensar e refletir juntos, enfim, um espaço de ressonância coletiva, no sentido de “ouvir um ao outro”, de dialogar, de trocar e de refletir sobre o contexto de trabalho e sobre eles mesmos enquanto trabalhadores(as). Essa roda de conversa traz como proposta ao fazer a vida girar, propiciar que os sujeitos tomem sua posição como seres ativos, históricos e implicados no processo de compreender o contexto laboral e as implicações do mesmo no sofrimento e adoecimento no trabalho, ou pelo trabalho. Também houve contribuições de profissionais da fisioterapia, as quais vieram oferecer ao grupo uma análise sobre a realização das tarefas, sensibilizando e orientando sobre correção postural e fortalecimento do tônus muscular como prevenção e cuidado do corpo. Esta intervenção encontra-se em andamento e pretende seguir em direção a fortalecer este grupo, estimulando cada educadora no uso e cuidado de si como prevenção ao adoecimento pelo trabalho, desnaturalizando a concepção de que conviver com a dor e fazer uso de analgésicos é próprio da atividade, da idade e da fragilidade feminina. Os resultados desta intervenção, ainda são incipientes, contudo, reforçam a necessidade de espaços como estes de promoção de saúde e cuidado dos trabalhadores na instituição. Para os discentes envolvidos, além de contribuir, com o processo de formação profissional e a experiência de intervir na promoção de ações em saúde do trabalhador, estimula o olhar para as multideterminações do trabalho e suas implicações como determinante de saúde ou doença, solicitando dos profissionais uma postura política e implicada na execução das diretrizes da Política Nacional de Saúde do(a) trabalhador(a) e a necessária reorganização dos Serviços Especializados em Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT) como agentes responsáveis pela promoção de saúde e prevenção ao adoecimento nas diferentes instituições e organizações de trabalho e do compromisso do psicólogo enquanto profissional atuando nesta equipe.

**Palavras-chaves:** Saúde. Trabalho. Educação infantil.

## **Referências**

BERNARDO, M. H. et. al. A práxis da psicologia social do trabalho: reflexões sobre possibilidades de intervenção. In: COUTINHO, M. C.; FURTADO, O.; RAITZ, T. R. **Psicologia social e trabalho: perspectivas críticas**. Florianópolis: Abrapso, 2015, p. 16-39.

BOCK, A. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009. BRASIL. da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004

CAMPOS, G. W. S. **Um método para co-gestão de coletivos**: a constituição do sujeito, a produção do valor e a democracia nas instituições. São Paulo: Hucitec, 2000.

CERISARA, A. B. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? **Perspectiva**. Florianópolis, v. 17, n, especial, p. 11-21, 1999.

FURTADO, O.; SVARTMAN, B. Trabalho e alienação. In: BOCK, A.; GONÇALVES, M. G. **A dimensão subjetiva da realidade**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-117.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Temas em educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, 2014.

Brasil. Política Nacional da Saúde do trabalhador e da trabalhadora. **Ministério da saúde**, portaria n. 1823, 2012.

Brasil. Política Nacional de segurança e saúde do trabalhador. Brasília, 2004.

PONTE, H. M. S. **Do dispositivo ao instituído**: O método da roda em sobral-CE promove a co-gestão de coletivos? 2013. 109 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2013.